



Projeto πkey: grupo de estudo de língua inglesa sob a perspectiva crítico-decolonial oriundo do PIBID.

**Autora 1¹Hellen Steckelberg (PIBID), Autora 2 Samanta Fernandes dos Santos Jayme (PIBID),
Profa Dra Barbra Sabota (PQ), Profa Esp. Tatiana de Souza (FM)**

UEG - CSEH - Unidade Nelson de Abreu Júnior
Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis - GO,
75.110-310

Resumo: O presente artigo trata sobre o surgimento, o desenvolvimento e o aprendizado dentro de um projeto chamado πkey. Este projeto nasceu no PIBID, em virtude do interesse da primeira autora em aprofundar na prática de ensino da língua inglesa sob a perspectiva crítico-decolonial. Neste projeto são ministradas aulas de inglês para quatro estudantes de letras que possuem interesse na língua e/ou algum tipo de dificuldade frente ao idioma, sendo a segunda autora membro do projeto. O material produzido pela primeira autora, sob a orientação da professora coordenadora, é disponibilizado às alunas empenhando esforços para desenvolver aulas de maneira decolonial, ou seja, com as pessoas e a partir de suas vivências. Além de contribuir para o aprimoramento da língua inglesa, a prática também objetiva despertar uma visão crítica nas estudantes sobre a sociedade. Neste trabalho são relatadas as experiências e expectativas da primeira autora, responsável por lecionar a disciplina, e da segunda autora, participante do projeto e supervisionado pelas professoras responsáveis pelo programa, todas integrantes do PIBID - Inglês Anápolis.

Palavras-chave: Pibid. Inglês. Construção de sentidos. Repertório. Agência discente. Decolonialidade.

Introdução

Em outubro de 2020 foi iniciado o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), subprojeto de língua inglesa/UnUCSEH, sob a coordenação da professora Dra. Barbra Sabota. A primeira autora participou do primeiro processo seletivo, estando com o grupo desde o princípio. Já a segunda autora participou do segundo processo seletivo, que se deu em virtude da desistência de alguns pibidianos, tendo iniciado o projeto no mês de abril de 2021. No processo seletivo a

¹hellensteck@hotmail.com





segunda autora entrou como voluntária. No projeto duas professoras formadoras são responsáveis por apoiar e supervisionar a equipe que inteira conta atualmente com 10 membros.

A língua inglesa tem grande relevância para a vida das autoras deste texto. As professoras, supervisora e coordenadora do projeto, trabalham com o idioma já há vários anos. As pibidianas que o integram também têm uma conexão com a língua, e o estudo que ora apresentamos se deve a esta relação. A proposta de criar um projeto para estudar inglês e ampliar repertórios no idioma, surgiu do interesse e necessidade de encarar este desafio.

Neste contexto, as duas autoras estão não só envolvidas com o PIBID, mas também em outro projeto que iniciou dentro deste grupo, visando maior contato com a língua inglesa, sob uma nova abordagem, nunca antes experienciada pelas autoras, que foi aprendida no curso do programa, que já tem pouco mais de um ano.

O grupo recebeu o nome de *Projeto πkey*, cujas aulas são ministradas pela primeira autora, também aluna do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), como voluntária, tendo como uma das alunas a segunda autora.

Aqui serão divididas experiências que foram compartilhadas nos portfólios mensais das autoras deste texto, entregues à coordenadora e supervisora do grupo, que detalham as atividades realizadas, o desenvolvimento individual, e as perspectivas das integrantes.

Material e Métodos

O material utilizado para a pesquisa é o portfólio individual de cada autora que foi produzido ao longo do projeto. O método de pesquisa é o de análise documental e pesquisa narrativa.

Resultados e Discussão

O desenvolvimento individual, desde o princípio do programa, é imensurável, e sofremos verdadeira desconstrução ao longo deste ano que passou, como será demonstrado através da narrativa das nossas experiências a seguir.





Como expressa Silva (2020), o PIBID busca envolver o estudante à docência de forma crescente, aumentando a complexidade das questões ao longo do tempo, gerando cada vez mais autonomia. Isso de forma pensada e pedagogicamente intencional, tendo como resultado um programa robusto e consistente.

Considerando que o formato deste PIBID se deu de forma diversa, em virtude da pandemia do COVID-19, iniciamos o programa com leituras e ao longo dos encontros foram realizadas discussões sobre diversos temas. Em seguida passamos a construir aulas e ministrá-las aos colegas pibidianos, e, finalmente, adentramos nas salas de aula, primeiramente de forma remota e agora, presencialmente.

As reflexões foram desde concepções simples da vida, como valorização do espaço em que estamos inseridas, a visão que temos do próximo, o nosso lugar de fala, até pontos mais específicos ligados à docência, como diversas abordagens possíveis para a construção do ensino de língua estrangeira, trazendo a realidade do/da aluno/aluna para a sala de aula, promovendo discussões e reflexões acerca de temas relevantes para a realidade em que os/as estudantes estão inseridos/as, sempre valorizando conhecimentos prévios.

Apesar de não ser professora licenciada, a primeira autora já ministrava aulas de inglês há diversos anos, fazendo uso de métodos tradicionais. Todavia, sob a influência de leituras realizadas no programa, orientações recebidas, palestras assistidas, ficou muito evidente a contraposição do ensino bancário e da educação construída. Por conseguinte, a autora percebeu que os resultados da segunda abordagem, crítico-decolonial, horizontalizada, trabalhando repertórios regionais, com a construção de sentidos, são muito mais válidos para a vida dos alunos.

Monte-Mor (2013) destaca a importância da agência, da cidadania engajada, além do fato de que velhos conceitos foram revisitados, exigindo que diferentes significados sejam feitos. Assim, percebe-se, então, uma maior importância dada à produção de sentido, algo valorizado pelas novas linhas de estudo de letramento. E é sob esses aspectos que as aulas do projeto são construídas.

Neste mesmo sentido, Jordão (2013) assevera que a língua é um espaço de construção de sentidos, é discurso e representação de sujeitos e do mundo. Desse modo, os sentidos são construídos através da língua, da cultura e da sociedade, não





sendo um fator isolado e independente. Ou seja, a língua é prática social, um espaço ideológico de construção de sentidos.

Considerando a importância do ensino crítico, decolonial e multimodal, e o desejo de aprofundar neste universo, em agosto de 2021, foi iniciado o *Projeto πkey*. Este projeto é construído em conjunto: a primeira autora desenvolve e ministra as aulas, a coordenadora supervisiona a construção do material e das aulas, e três alunas do curso de letras, dentre elas a segunda autora, debatem temas, construindo textos multimodais dialogados que dão andamento ao projeto. O intuito do projeto é aumentar o contato de todas as envolvidas com a língua inglesa, fazendo uso das habilidades e perspectivas aprendidas no decorrer do PIBID. É realizado um encontro semanal de uma hora de duração quando lemos textos multimodais em conjunto e os debatemos.

A primeira aula foi ministrada para conhecer melhor as integrantes do grupo e ouvir a história de cada uma com a língua inglesa. Foi narrado pela segunda autora que ela tem muita dificuldade com a língua. As alunas desde o princípio se mostraram muito abertas à experiência e a participação superou as expectativas.

É compreensível que, mediante um ensino pragmático, ligado a uma sociedade que cultiva valores coloniais, a segunda autora sinta-se insegura para se expressar em uma segunda língua. Outrora, apesar das dificuldades em relação ao idioma, a segunda autora tem conseguido participar de forma ativa e satisfatória das atividades propostas.

Em uma das aulas, a segunda autora ao terminar de ler um texto em inglês, o qual foi solicitado pela primeira autora, compartilhou com os demais integrantes, visivelmente emocionada, que teria sido a primeira vez que havia lido em público. Esse fato representou um feedback muito bom para a primeira autora, motivando a continuidade do projeto.

A iniciativa tem sido uma experiência incrível, juntas temos aprendido constantemente sobre o processo de educação linguística crítica. A cada momento somos convidadas a nos deslocar do papel de quem planeja, quem executa e quem “assiste” a aula entendendo na prática que quem ensina também aprende. Esta experiência nos dá visão de todo e nos ajuda a compreender a aula como uma





constante construção. Como aluna no projeto, a segunda autora tem conseguido, através das propostas e debates, ampliar o seu repertório em relação à língua inglesa. Nesse cenário, esse projeto também tem ajudado a segunda autora frente às aulas ministradas aos alunos do CEPI, de modo que, a autora tem sentido-se mais confiante para lecionar as aulas nesta perspectiva aos estudantes.

De acordo com Jordão (2013), é fundamental que os professores percebam dentro de uma perspectiva crítica que o processo de valorização dos saberes das pessoas, posicionem-se reflexivamente perante as diversas formas de construção de sentidos que permeiam a sociedade. Em consonância, a iniciativa, tem oferecido um conteúdo que valoriza os saberes já adquiridos pelos alunos. Nessa conjuntura, essa ação rompe com qualquer tipo de pensamento paradoxal, permitindo dessa maneira um ensino democrático.

O projeto, diferentemente do ensino tradicional, procura demonstrar que a língua vai além de um ensino pragmático que se limita ao ensino da gramática. Língua é cultura e poder (político, econômico e social). O conteúdo oferecido pela primeira autora busca abordar diversos fatores ignorados pelo ensino cultivado na sociedade hodierna, ressaltando, nos termos de De Souza (2019), o espaço de onde falamos, além do corpo, incluindo a sua memória, experiência, história e conflitos, e tantos outros aspectos.

Para a segunda aula, a primeira autora pensou em um tópico que traria discussão e reflexão. Desta aula em seguida passou a considerar as sugestões do grupo, e assim tem sido, como uma verdadeira construção em conjunto. A cada encontro são realizadas atividades multimodais, com apresentação de slides, vídeos, leituras, são realizados jogos, dentre outros artifícios, e o intuito é envolver as alunas ativamente.

De Souza (2011) destaca que o papel do professor não é mais o mesmo, de forma que o docente não mais transmite o conhecimento, mas sim ensinar novas maneiras de buscá-lo.

As participantes se esforçam bastante para usar a língua inglesa na maior parte do tempo, entretanto, quando o assunto aprofunda, ou quando ficam empolgadas para expressar suas opiniões ou conhecimento sobre o tema, o inglês





acaba sendo substituído pelo português, complementado por mímicas e outros recursos semióticos em movimentos translíngues, como debatido em Canagarajah (2018). O intuito é ampliar a discussão e o repertório fazendo o uso da língua estrangeira enquanto for confortável. Este translínguar é entendido como parte do processo, então não gera tensão ou desconforto, haja vista que todas são cientes do que é necessário para apropriar-se do inglês, esta língua vista aqui como adicional.

Ao fazer leitura sobre o tópico em discussão, ao ouvir a fala da colega e ao expor a posição, ao assistir vídeos e em realizações de jogos, a língua inglesa vai permeando a aula, e de forma natural as alunas vão se envolvendo pelo tema discutido, ampliando o repertório linguístico.

É levado em consideração tanto na preparação da aula, como na construção realizada com as colegas/alunas, um aspecto positivo e leve no que concerne a língua inglesa, pois, como nos ensina Neto (2019), as emoções afetam diretamente o processo de aprendizagem. As emoções negativas podem prejudicar e as positivas tendem a facilitar o processo motivando os indivíduos. É a partir desta perspectiva que o indivíduo pode inferir um valor significativo à língua estrangeira que se propõe a aprender, podendo se aproximar dela ou se afastar.

Segundo Lynn Mário (2011), o letramento crítico vai além de revelar ou desvelar as verdades de um texto construído no contexto do autor do texto, visto que, tanto o autor quanto o leitor são sujeitos sociais que se destacaram e tiveram origem em uma coletividade sócio históricas. Nessa perspectiva, as aulas ministradas pela primeira autora, propõem um ensino desnudo de verdades pré-determinadas no âmbito socio escolar. Desse modo, o conhecimento construído ao longo da reunião é pautado nas vivências das integrantes do projeto.

Não há imposição de nenhuma natureza e as alunas são livres para se expressarem dentro do que é proposto para o encontro. A tentativa é sempre no sentido de se exporem ao máximo à língua estrangeira, e é isso que vem ocorrendo de forma natural e espontânea.

A primeira autora, como professora no projeto e pibidiana, está bastante satisfeita com o que foi aprendido através do PIBID. A possibilidade de poder experimentar a docência, com apoio e orientação, antes mesmo de finalizar a





graduação, além de imediato já obter feedback das alunas/colegas, tem trazido segurança e o sentimento de realização pessoal. Além disso, os resultados das aulas têm sido facilmente percebidos, de forma que as alunas do projeto têm se comunicado com mais facilidade, e tem demonstrado cada vez mais interesse em relação à língua inglesa.

O principal motivo para a segunda autora entrar no projeto foi a oportunidade de aprimorar os seus conhecimentos em relação à língua estrangeira. Entretanto, o projeto que visa um ensino democrático, que valoriza o conhecimento já adquirido pelos estudantes, foi além de puramente ensinar a língua inglesa. A iniciativa permitiu que a segunda autora ampliasse a sua visão de mundo sobre os problemas sociais, principalmente os que comprometem o aprendizado do idioma. Diante disso, a autora, que nunca teve condições financeiras de frequentar uma escola de idiomas, está profundamente agradecida com a oportunidade de fazer parte de algo tão significativo, impactante e transformado no que se refere a forma de lecionar.

Considerações Finais

Percebe-se que a experiência de lecionar e aprender inglês a partir da perspectiva crítico-decolonial, provocando as alunas, inserindo suas realidades nas discussões, além de permitir que os pensamentos sejam expressos de forma livre, faz com que o uso da língua estudada se dê de forma natural e espontânea. Ou seja, é mais envolvente, a aprendizagem se dá de forma muito mais leve, além de se perceber a produção de sentido.

A primeira autora vem se libertando de concepções arraigadas ao longo de uma vida, no que concerne ao estudo e ensino de língua estrangeira, sendo o projeto π key essencial para que seja experimentado na prática o letramento crítico.

É extremamente significativo aprender um novo idioma a partir de uma perspectiva crítica, a qual mostra formas de perceber a vida fora da naturalização da ilusão que é a modernidade e seu lado obscuro, a colonialidade. Dessa forma, a segunda autora, que tem conseguido evoluir no que se refere a língua inglesa, espera que ao término da sua experiência no projeto consiga dar continuidade à iniciativa.





Este processo tem sido emocionante e realizador, uma vez que toda a prática recebe orientações da coordenadora do PIBID, de forma que o amparo por todo o caminho é evidente, reduzindo-se, assim, o medo que surge do novo.

Por outro lado, as alunas têm demonstrado interesse e grande participação, estando a cada encontro mais independentes na busca do conhecimento, mais soltas para se expressarem da forma que se sentem mais confortáveis, além de serem discutidos tópicos extremamente relevantes em nosso contexto atual na língua inglesa.

Como professoras formadoras, é uma enorme satisfação ver nossa proposta sendo replicada de maneiras entendidas subjetivamente como relevantes para cada uma, o que nos permite inferir que não houve uma imposição de perspectiva teórica, mas uma compreensão da relevância das praxiologias compartilhadas.

Agradecimentos

Agradecemos à bolsa CAPES, ao PIBID e à Iniciação Científica pela possibilidade de sermos inseridos neste programa, que tem contribuído de forma marcante para a nossa formação como docentes.

Referências

CANAGARAJAH, Suresh, **Translingual Practice as Spatial Repertoires**: Expanding the paradigm beyond structuralist orientations. Applied Linguistics. N. 1, vol. 25. Oxford University Press 2018. doi:10.1093/applin/amx041.

JORDÃO, Clarissa Menezes. **Abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico** - farinhas do mesmo saco? In: Hilsdorf Rocha, Claudia; Maciel, Ruberval. (Org.). Língua Estrangeira e Formação Cidadã: entre discursos e práticas. 1ed. Campinas: Pontes, 2013, v. 1, p. 69-91.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAÚJO, Vanessa de Assis (Orgs). **Formação de professores de línguas - ampliando perspectivas**. Jundiaí, SP: Paco, 2011.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética. In: JORDÃO, Clarissa Menezes; MARTINEZ, Juliana Zeggio; HALU, Regina Célia (Orgs). **Formação "Desformatada": Práticas com Professores de Língua Inglesa**. Campinas, SP: Pontes, 2011.





MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. **Decolonial Pedagogies, Multilingualism and Literacies.** Multilingual Margins, 2019. P. 9-13.

MONTE MÓR, W., 2013. **The Development of Agency in a New Literacies Proposal for Teacher Education in Brazil** in E. S. Junqueira e M. E. K. Buzato (orgs) *New Literacies, New Agencies? A Brazilian Perspective on Mindsets, Digital Practices and Tools for Social Action In and Out of School.* Nova York: Peter Lang Publishers, P. 126 - 146.

NETO, Vicente Rodrigues da Silva. **Emoções em Evidência na Prática do PIBID Letras Inglês da UFPB:** em busca do letramento emocional. 2019. Monografia. Graduação. Letras em Língua Inglesa. João Pessoa - PA.

SILVA, Kleber Aparecido da; ROQUE-FARIA, Helenice Joviano. **A Formação de Professores de Línguas e o PIBID:** experiências, crenças e identidades. Campinas: Mercado de Letras, 2020.

